

Editora
Universitária UFPE



COLEÇÃO
.....
NOVOS
TALENTOS

02

POESIA (IN)CONTADA

Diego Alexandre

**Poesia
(In)Contada**

Diego Alexandre

Poesia (In)Contada

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado.

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques.

Diretora da Editora UFPE: Prof^a Maria José de Matos Luna.

Editora associada à



Comissão Editorial

Presidente: Prof^a Maria José de Matos Luna.

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alexandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covaleski, Sílvia Helena Lima Schwamborn.

Revisão: Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez

Capa: Ildembergue Leite

Diagramação: Henrique Mafra

Ilustrações: Moisés Ferreira

Impressão e acabamento: Editora Universitária da UFPE

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

A381p Alexandre, Diego.
Poesia (In)Contada / Diego Alexandre. – Recife : Ed.
Universitária da UFPE, 2013.
95 p. : il. – (Coleção Novos Talentos).
ISBN 978-85-415-0175-0 (broch.)
1. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.

B869.1 CDD (23.ed.) UFPE (BC2013-014)

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

*A todos aqueles que se sentem vivendo entre
o ser e as coisas. Em especial, àqueles que,
sentindo, sobrevivem entre o ser e as coisas.*

PREFÁCIO

A palavra é longa e larga e todo tempo é propício. A cada palavra que nasce, nasce um planeta ou qualquer coisa imensa e sem corpo por detrás do mundo. Entre o ser e as coisas, o verbo. O poema de carne: o teu dia mais claro, a borboleta que pousa na blusa florida, a ilusão do inseto e o espanto da menina. A poesia que emerge. Inventa.

Na poesia (in)contada, o poeta inventa o verbo, reflete e refrata solidões que se espriam em correspondências bailando nos frios azuis do Eu e do Outro. Se o poeta está só numa sala cinza, são paredes e sofás e janelas de letras interrompidas pelo teto, é “a poesia que conjuga a geometria”.

Quando o poeta se divide em alguém — nos encontros de dois seres que são, que se põem um no outro —, tudo se liga, tudo se reconhece na palavra que é, na palavra que ambos são.

E mesmo nos desencontros, a fome do caminho, a pena que são duas, a lembrança dos corpos (“uno abraza quemando/otro quema sonriendo”), o dia segue, os sóis se abrem, o poeta se conta e se refaz.

O poeta se salva e se dana pelas palavras. Desmonta a tessitura da palavra montanhosa, “diz um monte”, se coça com cedilhas, se precipita e atravessa a memória num voo de relevos e falésias.

Estrelas de trigo, alimentai o poeta. E tu, poeta, toca pra frente nossa vida futura. Multiplica nossas vozes, cuida do nosso verbo, trabalha nosso sangue.

Danielle Marinho

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo.
Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.
E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto

Não cabe no meu canto.

Hilda Hilst

Poemas aos homens do nosso tempo.

In: Júbilo, memória, noviciado da paixão. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

APRESENTAÇÃO

Sempre me perguntei se no momento em que eu estivesse a escrever seria, então, meu minuto de encontro. A pouca experiência – mas a vivida experimentação – já me apontou que estar entre o ser e as coisas é um modo de também encontrar-me como ser e como coisa, e aí já é um perder-se. Nesse encontro, nessa perda, muitas foram as vezes em que me desencontrei para partir de mim a mim mesmo, como num pisar num chão absolutamente tangível e cada vez mais adentro: o do poema e o do conto.

Apreendi, com poetas, que é preciso acreditar que alguma beleza salvará este mundo e que, num sopro de crenças, passaremos então a buscar ser, cada vez mais, objetos pulsantes e ligados às coisas. Seres e Coisas, indefinivelmente seres e coisas, foi tudo com que tive contato para então experimentar estas páginas que, agora, pretendem também ser experimentáveis. Elas, as páginas, saem de mim mas a mim já não retornam: querem, de algum modo, colocar outras pessoas à prova de si quando confrontadas às coisas; quando o amor – que é belo e que salvará estas palavras – chega; quando o Outro, num breve passear na gente, nos obriga a pensar na quantidade de dizeres que ainda temos para sentir.

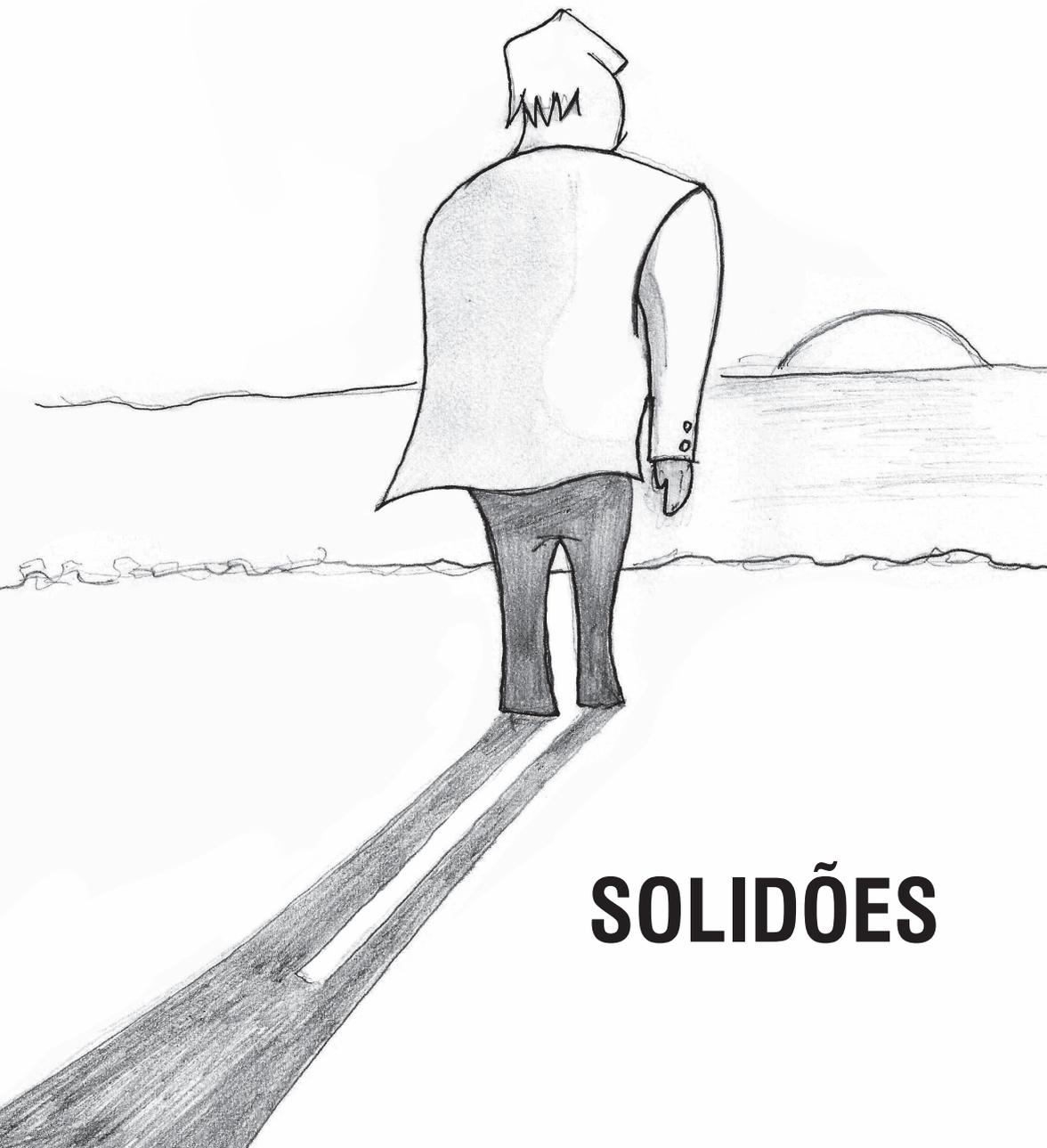
É o Outro, então, o Outro ligado a nós mesmos – num gesto, num amante, numa lua, numa saudade, num desejo – que nos direciona ao que é belo e ao que deve ser essência. O Outro em toda a sua totalidade, constitui, sempre, as coisas que são os seres.

Nesse caminhar de mãos dadas com os outros, muitas foram as solidões por que passei, os encontros saltados para um desencontro – e vice-versa –, e tudo isso legitimado pelo penetrar da palavra. A poesia e a prosa, a poesia (in) contada, fazem-se, nesse momento, um saltitar da palavra em vários caminhos que não entendemos ainda e que, cada vez mais, nos deixa solitários e desencontrados. Contudo, essa mesma poesia que é conto, aqui, também nos levará à presença, à palavra em si, ensimesmada, e ao encontro.

No encontro, nos tantos desencontros, a salvação. O (en)cont(r)o da poesia, o contar com a poesia, o não contar poesia despertarão palavras que um dia, num dia de nada, num dia de desencontro, ousaram me encontrar para então me perder novamente, e novamente, e novamente. E todos os dias.

Mas, contraditoriamente, meu encontro com a palavra, com os seres e as coisas, fora, sempre, como se me salvasse todos os dias.

Diego Alexandre



SOLIDÕES

CUMPRIMENTO DE DUAS SOLIDÕES

É estranho constatar isso, sempre é estranha a constatação, mas hoje faz dois dias desde que o rompimento dos fios – dos poucos fios – se deu. É estranho – e isso agora é mais que uma constatação – eu já me sentir um pouco mais só, como se previra, antes da data rompida. É constatado por mim que, desde então, vou a restaurantes, a bares, e sempre te vejo, na mesa à frente, de costas pra mim, sempre a gesticular com aquelas mãos pequenas, a unha meio francesa, o meio dedo encostado na mesa. Te vendo de costas, percebo o seu cabelo claro, bem luz, de um modo ondulado, perfeitamente assanhado – como quando você me assanhava todo com o seu jeito de falar e de me fazer rir. Vejo ainda você com muitos amigos, nessa mesa, você rindo, você linda, você indo. Indo ao encontro do que, creio eu, não cansou de procurar. Isso poderia ser bom, se e somente se eu não mais te visse diante de mim nessas mesas e mesas de bares com esses todos e todos amigos, com essa você e você mesma.

Tudo isso seria muito bom se eu não lembrasse de você nas certas horas perigosas, se eu me distraísse o suficiente para não pensar que você existe em lugar algum. Não mais. Mas não: me distraio, sigo andando, conversando, rindo, cantando, comendo, lendo, mas, quando paro, quando mais nada precisa da minha mão, da minha força de vida, caio em você, caio em tudo que você me construiu, apesar do pouco tempo, e depois hipotecou. Caio em pensamentos, nos tantos e tantos minutos – falo tantos e tanto minutos para que o nosso tempo junto se pareça mais longo – juntos. Caio, quase sempre, numa ternura de bondade que me dói até o último pensar. Caio, mal caído, por cima de mim.

E você ainda está na mesa em frente à minha, distraído-se. D i s t r a ç ã o que nos faltou de uma certa maneira que, agora vejo, nos teria feito um pouco melhores. Por não estarmos distraídos num todo sentido, esperávamos, a todo custo, o telefone tocar, a atitude chegar, e a vontade vir. Mas não veio.

Tu não te distraíste como deverias. Estavas atenta demais para entender o nosso prazer, nosso zen-budismo. Se reparares bem, eu tinha tanta preocupação em não completar o meu bem, meu zen... meu mal. Eu nunca quis dizer para você, mulher-beleza que me aconteceu, que eu tinha medo que fosses, um dia, meu mal. Não que agora sejas, mas agora a soma desse bem-zen não me dá produto algum, só as horas perigosas em que caio por cima de mim e não me respeito mais.

Sinto uma tremenda vontade de sair de minha mesa, eu só, ir a sua, à minha frente, te pegar pelo braço e te levar para aquele outro bar em que, de fato, nos conhecemos, em que, de fato, os teus azuis dos olhos se misturavam com o amarelo-vermelho-quente do lugar – apesar do frio que, você lembra, serviu de pretexto para que nós fechássemos esses nossos olhos e esquecêssemos dessas cores. Sinto, sim, uma vontade grande de te levar pra lá, à força, e te mandar trazer a cheia de graça para mim; te bradar um “ressuscite!”, “renasça!”. Mas sei que não. Sei que não concordarás em ir comigo a lugar algum, que não mais, por um possível bom tempo, me perderei nas horas e na vontade de ficar contigo, mesmo que isso comprometesse meus compromissos do dia seguinte.

Sei, também, que por tudo isso pode até parecer que eu estive apaixonado, amando loucamente um ser que conheci há nem um mês. Mas não. O amor não deve ter entrado. Apenas o sentimento, o *s e n t i r m e d o*, a vontade. Não deve ter sido amor, deve ter sido apenas o carinho de dois carinhos que se acharam num dia de nada. Não, não foi amor, foi o cumprimento de duas solidões.

DESOBEDIÊNCIA DE SER DOIS

sentia que quando
você me obedecia
e vinha
a qualquer hora
ao meu chamado
éramos felizes
porque a obediência, querida,
fazia de nós
como talvez só a natureza estabelecera.

entretanto, um dia,
quando foste rebelde
e me desobedeceste,
eu, então, percebi
que também carecia
de obedecer
a ti.

quando, por vezes, querida,
impunhas tua beleza autônoma
que a nada respeita,
só chega,
perturba
e fica,
a tua beleza, querida,
fez de mim um completo
obediente
ao meu mais simples
desejo,

instinto
de não ser social, apenas
quando nossa natureza
exige que sejamos
desobedientemente
um.

SORRISO DE DUAS SOLIDÕES

Havia uma graça no modo como ela aparecia para ele. Chegar de repente, olhando de lado, com o queixo elevado, olhos fechados. E tudo isso comunicava a grande vontade que ela tinha de deixar o ambiente mais leve e mais favorável para rir. Com qualquer coisa.

E ela talvez nem soubesse que a sua aparição fazia dele mais riso. Ele entendia tudo aquilo como tão necessário que chegava a ser altruísta sobre o fato de que todos precisavam dela por perto. Havia, sim, muita beleza em cada aparição que ela fazia.

Aquele dia seria uma quebra no jejum dessas aparições. Por muito tempo ele e ela não se viam, só se falavam esparsas vezes, mas, bem ele sabia, havia uma espécie de comunicação entre o carinho dos dois. Mesmo longe. E ele havia alimentado a saudade; e que saudade ele estava sentindo! Poderia ter passado a madrugada toda só olhando para aquela forma, ali, diante dele, se mexer ao som de qualquer música; mas se mexer de modo a parecer não parar, a parecer que iria desaparecer de tanto dançar. E como ele havia sentido saudade! Parecia que, naquele instante, as fotos, as marcas, tudo o que lembrasse dela estava mais material. E nada nela havia mudado: o rosto, a altivez, o sorriso, as mãos sempre bem orquestradas, a singeleza com que preenchia o lugar.

Aí vieram os jogos de olhos. Os dela muito mais bonitos do que os dele. Os dele muito atentos. Constrangimento. Desafio. E ela o olhava quando ele a olhava. E havia nessa troca uma troca de belezas que as cores dos olhos dos dois, em algum segundo da madrugada, puderam ter sido uma só. Havia uma beleza ali, em meio a tanta gente que nem os olhava, com uma música que nem agora interessa, em meio a vontades que se prendem nuns instantes e impregnam o local de eternidade.

Música. As vozes, às vezes, eram músicas. Os gestos deles eram musicais. Se abraçavam. E no abraço, música. A letra nem se sabia mais, só se entendiam a saudade, o suor e o demorado voo que uma borboleta, em algum lugar da Terra, fazia naquele instante. E dançavam, e dançavam juntos; e riam juntos; e os olhos dos dois fugiam e se encontravam, como se as íris estivessem imantadas e os corpos também.

Ele, ao sentir a nuca sendo acariciada, a envolvia pela cintura com ainda mais força, de modo que praticamente a abraçava com um só braço. Respiravam, juntos, um pouquinho do ar que era repartido no salão lotado. Mas era o ar suficiente para os dois. Era um ar fabricado em algum lugar que não se sabia, uma transferência de ar-riso-falta-de-ar que não se entenderia, por ali, o porquê de eles não terem parado para beber água, ou para mirarem na varanda um pouco dos braços do sol que já estava chegando.

Se abraçaram, se olharam, conversaram verbal e não verbalmente. Disseram muitas coisas um para o outro. Riram sinceramente um para o outro.

Naquele dia não aconteceu nenhum beijo. Mas as solidões deles se olharam tanto, mas tanto, que foi como se tivessem se tocado, se beijado e se rido mais uma vez. As solidões sorriram num beijo.

Luz.

Varanda.

Estava ali, lá fora, o primeiro nascer do sol dos dois juntos.

MEU SUPERALTEREGO

não pense tanto, querida
não reaja parando de beber com medo que o álcool te acenda o ego
o teu ego já vejo eu já
já vejo eu o meu ferido
já te imagino ébria demais
eu tolo demais
sorrimos demais
sem nos preocupar com este setembro que me ainda
beira um negro, um carnaval cinzento
contraste escuro para o seu olhar

e me pego
pensando
que não devia
me cor
responder
já que não há cor
respondência ~ ~ coin
(in)cidência

me pego
sozinho me pego
escrevendo
mentalmente
cartas e cartas
que você nunca vai ler

e te pego
nos braços te pego
como num sonho
bom
dia
te dizia
ao despertar você em mim

noite
nossa
minha
mais ego
desperdiçado
iludido
foi
ido

esvazie-se
de mim
minha outra
não nego
minha alteridade
bonita
meu *alter ego*
esvazie-se
e fim

A MULHER QUE NÃO SABIA SOFRER

A conheci ontem na varanda da minha casa. Amiga da minha mãe. Estive com uma mulher que não sabia sofrer. Pelo ditado, morreu de amor. Pela vida, morria todos os dias. Era uma mulher maquinal, nem choro dela saía. Só o sofrer de dentro.

Na verdade, conheci a mulher que não sabia sofrer no ano passado, quando ela ainda sabia que da vida tiramos lições o tempo inteiro. Ela era ativa e viva e solitária. Trabalhava todos os dias, cuidava de gente, bebia cervejas. Agora, um ano depois, na varanda da minha casa, lá estava a mulher que não sabia sofrer. Todos falando com ela, sobre ela, na cara dela, e ela, como num sopro de ainda-quase-vida, respondia maquinalmente as suas quase-não-respostas para o seu não-saber-do-sofrer.

Foi o amor. A mulher que não sabia sofrer era solitária demais para carregar um grande amor repentino, desses do tipo que a gente dorme todas as noites pensando no sol chegando e acorda sem problemas se é segunda-feira ou se no sábado é preciso acordar cedo. O domingo, quando a gente está amando e ainda não sofre, é puro desejo de que os dias passem bem lentos, bem cara de domingo, e que a presença de quem se goste apareça como em dias que se pareçam sábados, enfim. É, estar gostando de alguém é complicado como explicar os dias favoritos de quando se gosta mais de pessoas do que de dias. Mesmo com datas marcando esses dias feito por pessoas. É complicado. Complicado como a mulher que não sabia sofrer.

Ela havia passado muito tempo só, somente com ela e seus estetoscópios e jalecos à mostra. Ela havia bebido por muito tempo só e por muito tempo com amigos verdadeiros. E aí apareceu uma segunda-feira na vida dela. Mas uma segunda que aparece quando se pensa que vai ser chata e se transforma em segunda-feira quando se gosta de alguém e não se acha que se vai sofrer.

E assim se foi. A mulher que não sabia sofrer realmente acreditou que soubesse sofrer e daí se entregou a um amor que transitava entre as segundas boas e os domingos querendo que chegue a segunda logo. Conheceu lugares, pessoas, gostos, músicas. A mulher que não sabia sofrer conheceu, dentro dela, uma mulher que nem sabia que existia sofrimento. Que nem sabia ser capaz de, no mundo, alguém poder machucar os outros. Sem nem saber que se faz isso.

Mas aí veio a segunda-feira-dia-útil (?). A pessoa que estava com a mulher que não sabia sofrer precisava ir embora porque existia, por trás de todos os dias e todas as semanas gostosamente vividas, um amor-outro-de-tempos-atrás nas costas. Era impossível viver o amor-esse-de-agora com a mulher que não sabia sofrer. Sem saber que já estava sofrendo, a mulher que não sabia sofrer sofreu de um modo tão quintas-feiras que se parecia domingo o tempo todo. E um domingo em que só há futebol, pouca cerveja e pessoas ao redor que fingem saber sofrer.

A mulher que não sabia sofrer sofre, agora, nesse instante. Provavelmente hoje esteja em sua casa, sem saber se amanhã é segunda-feira ou não, e esperando o domingo bonito que ela tinha com o homem que, antes de ser o homem dela, não a fazia sofrer. Ela estava (ainda) apaixonada. Ela estava triste.

Respondia lentamente a qualquer pergunta, tinha o ar de bêbada a qualquer respiro. A mulher que não sabia sofrer prendia emoções, agora, como um indivíduo tímido que não consegue sorrir espontaneamente. Ela sofria a cada gole de álcool que invadia sem pena o seu ego, o seu calendário, o seu arrastar de correntes. Os dias não passam para a mulher que não sabia sofrer. E ela acredita que seria bom que assim fosse quando ela estava com ele. Mas ela sabe, de algum modo sabe, que não. Que seria bom, que ela re-amará sem medo, mas que o amor alheio que ela não conhecia tiraria o homem-seu dela e deixaria em troca o sofrimento invasivo e pobremente administrado.

A mulher que não sabia sofrer caía em um túmulo melancólico de si mesma que não ia mais ao trabalho, não cuidava mais de gente; nem de si mesma. Apesar do sofrimento, hoje ela é loira, vagamente loira, mas de raiz escura. O cabelo é como se fosse ela. O cabelo talvez sofra como ela. Mas ele é muito e é fino. Ela é uma só. Os dias são muitos e em muitos minutos. A morte dela também.

A mulher que não sabia sofrer morria todos os dias. Morria no copo de cerveja não tomado, na festa em que ela se recusava a ir, na maquiagem nova que ela não quis comprar porque achou caríssima, no telefone que ela não quis ligar para ouvir a voz de amigos prontos para uma ajuda. A mulher que não sabia sofrer não sabia mais de si nem dos outros. Ela nem sabia onde estaria aquela mulher de antes, sem medo da dor, e que, mesmo sempre só, entendia a sua solidão.

A mulher que não sabia sofrer me fez lembrar da quantidade de gente que, todos os dias, inclusive nesse minuto de texto, também morre de amor. Essa mulher estava em alguma amiga minha que me ligou nesses dias chorando porque não esqueceu o antigo namorado. Essa mulher está numa outra que, bem lembro, parou na cozinha, em minha frente, e chorou com as mãos no rosto. Está na outra que passou o *réveillon* sentindo uma mudança de cosmo ao pisar no ano novo. Está, sim, está no meu amigo que nessa semana teve que dormir obrigando o sono a fazer esquecer uma mulher difícil. A mulher que não sabia sofrer divide, a cada dia, o seu sofrimento com todas as outras pessoas que creem no amor, no desejo, nos dias dos calendários, e que não ligam se é fim de semana ou dia útil. A mulher que não sabia sofrer não sabia sofrer porque havia sentido demais quando estava só. Mesmo sem saber que o sentir era esperando o seu coração aquecer para um sofrimento em potencial.

Milhares de homens e mulheres que não sabem sofrer estão vivendo bem ao lado de nós. Eles negam, algumas vezes, a saída com os amigos, a cerveja gelada, mas tentam viver. Mesmo em morte pelo amor. E por mais que se ocupem, por mais que preencham os seus dias úteis, é inútil quando se chega a certa hora perigosa; a hora em que paramos e nos damos conta da nossa imensa solidão e da nossa tolice gratuita por acreditar na espera que se finca no espaço de tempo que se passa entre o lábio cerrado e o sorriso no rosto; do bebê calado no ventre da mãe que passa a chorar ao toque do ar do mundo de mágoas. Tudo isso, nesses míseros minutos, é tempo para se perceber sozinho num mundo que nos faz sofrer.

E eu desejo que a mulher que não sabia sofrer durma bem e que amanhã, segunda-feira-dia-útil, ela esteja aceitando a cerveja e tendo a última lição do sofrer: amar de novo.

QUE ME QUITE LO BAILADO

“que me quite lo bailado”
era o que eu sempre dizia
quando ela reclamava
do quanto eu dançava
quando eu estava só.

“que me ponga muy sencillo”
era o que eu te pedia
quando estava complexo
profundo demais
para estar só.

“que me deje solo”
- era lo que yo siempre pensaba
cuando tu quitabas la libertad,
el bailado
y la calma.

bailando
bailando
solo.
so
la
mente.

O AZUL QUE SE BEBE

vi o mar

Caminhei em direção a ele, pela areia, sem tirar os olhos do azul desconhecido e que era como a então ressaca dos dias anteriores. O vento era forte, despenteava os meus cabelos que, então, teimo em conservá-los maiores, mesmo sabendo que nunca estarão realmente mais tranquilos. O vento chega a incomodar.

Sento na areia fofa, pés descalços, olhar singrado em direção ao mar. Esse mar. Nem sei onde ele termina, mas sei que tem um fim. Sei também que esse mar traz pessoas, todos os dias, de lugares distantes, e talvez em verdade saibamos do começo desse mar; ele que trouxe pessoas de lugares que eu acreditava que não existissem, que, acreditava eu, carregavam em si os potes de ouro, como no fim de um arco-íris. O vento vai incomodando.

Passo a mão na forma arenosa em que estou sentado, desvio o olho do azul. A areia, fina, branca, escorre por entre minhas mãos; e eu não consigo mais segurar o instante que estava ali materializado. Fugidio. Fugaz. Fulminante. Terminantemente o vento levou essa areia de minhas mãos. Incômodo.

Volto a olhar o mar e isso me lembra dos tantos amores vividos e malvividos, dos amores mal-amados, e do punhado de palavras ditas sem cor, sem cuidado, sem sentido, só sentindo. Punhado de palavras, assim como o punhado de areia que segurei há pouco, esfacela-se e volta para o todo do chão, da areia, volta a perder-se, a ser *não-meu, não-eu, não-agora, nunca-foste*. Voou.

e sinto

tanto

como há tempos nem me sabia sentinte

E sinto não segurar essa areia e olhar para o mar ao mesmo tempo. O mar me tragou, digo.

O azul que dele saía, que vinha de onde o mar terminava, descoloriu a areia, transformou-a em branca. E porosa. O azul fugiu com todas as cores. Só deixou esse silêncio, esse mar salgado, esse vento forte que põe o meu cabelo na testa e nos olhos, e todas as palavras se perderam numa ilusão do mar que nem mesmo o mar previra inebriar-se.

Embriagar-se. Ter ressaca. Entender o porquê de tantos pretéritos de perigo e inconstância. O mar ensinou. O mar deu a mão ao navegante e iludiu os espectadores da areia.

Mas estou só na areia. Deito-me sobre ela. O céu.

azul

Alguns brancos de nuvens. O azul roubando mais uma vez a cena.

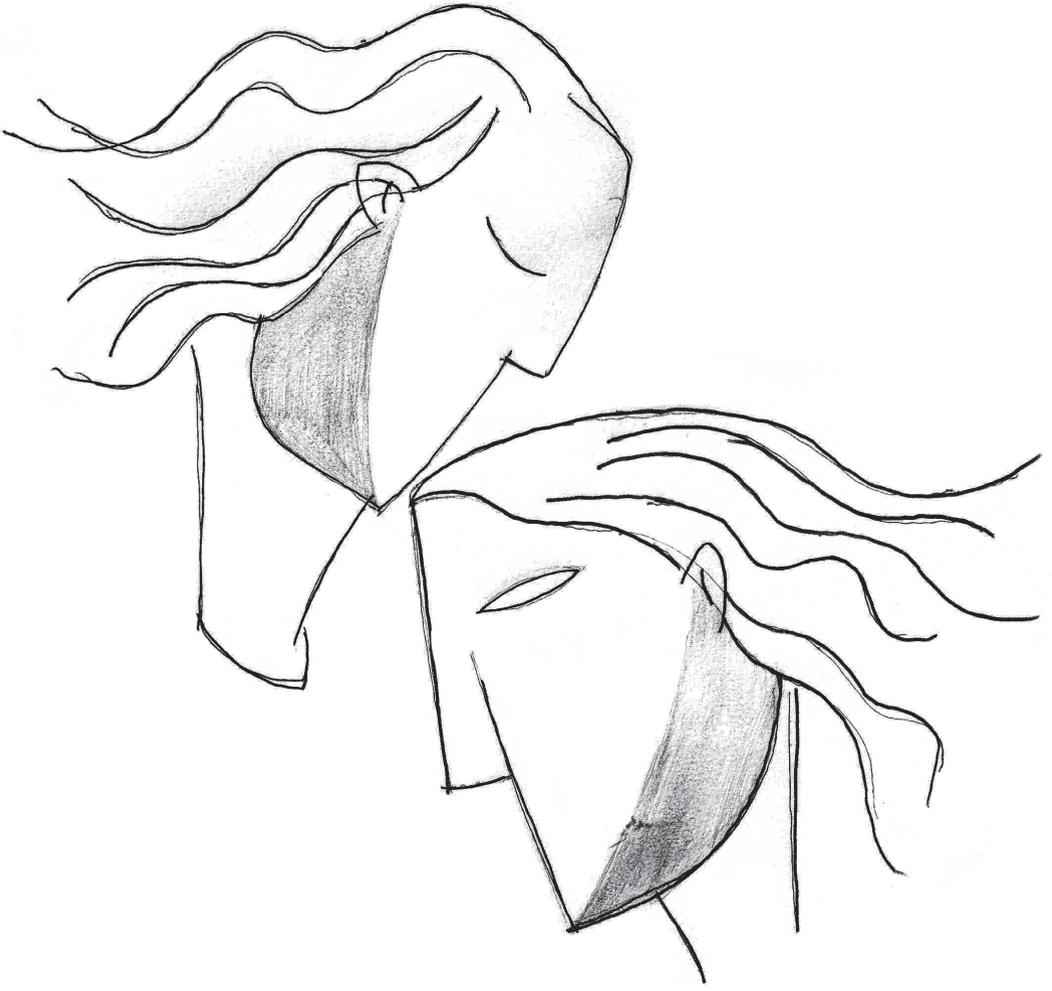
Fecho os olhos. Não azul.

Mas é preciso abri-los. É preciso cortar esse cabelo que já incomoda, despir-se do sal do céu, do sal do mar, é preciso bater as mãos para sacar a areia da palma, não deixar um grão sequer, por minúsculo que seja, de resquícios, de alguma pista de que o mar molhou essa mão que agora escreve.

É preciso aparar algumas pontas do que se aprendeu. Ser forte como a ressaca do domingo após um sábado de estupidez tremenda, e do que treme a gente de medo e de frio. Frio por ter sido molhado e não coberto.

Frio pelo azul que gela e que não divide espaço com o vento e nem com o sol.

bebo frio, brio, azul



ENCONTROS

“UMA AVE NO CÉU, UMA AVE NO CHÃO”

No trem, ele observava as pessoas ao seu redor. No trem, apenas, sem cobranças. Observava a aparente calma, o aparente seguir ao “destino” – talvez real, talvez metafórico. Ele pensava se essas pessoas também refletiam o que as fazia estarem ali, naquela tarde de dezembro, num trem comum.

O calor molhava a nuca. O sol lá fora se mostrava responsável ao título de astro-rei. Aliás, que títulos recebemos todos os dias? Honramos esse título? Por que deveríamos honrá-lo? Muitas perguntas impróprias vinham a sua mente num momento igualmente impróprio para pensá-las. Definitivamente não era justo nem estimulante indagar tanta coisa tendo pela frente um compromisso importante no trabalho e um calor que mais o fazia querer chegar logo a esse destino – real.

Em meio a divagações, olhou para o céu. Estava de óculos escuros e, por isso, tinha mais conforto na tentativa de observar o rei luminoso da tarde. Juntamente com o sol, o céu também se revelava imponente. Estava regido por um azul incrível. Poucas nuvens contribuía para o cenário. É justamente nesse azul puro e nesse cintilar escaldante que surgem mais dois personagens: andorinhas.

As duas aves surgiram do nada no céu, mas, pela altura em que já estavam, certamente já voavam há algum tempo. Por alguns instantes, ele não pensava no calor, no compromisso de trabalho de logo mais, no movimento apressado do trem... só observava as andorinhas, o seus “bater de asas”, a sua liberdade para riscar o céu até então tão bem pintado de azul. Elas batiam as asas duas vezes e por segundos mergulhavam, por outros subiam com uma liberdade, com uma aparente despreocupação que era difícil entender se era simples voo ou se era complexo espetáculo. Elas nasceram para fazer isso, pensou ele. Nasceram para voar, para uma liberdade límpida, justa.

Nasceram para dividir com o palco do céu um momento banal, mas que, insistentemente, acompanhava a velocidade do trem, do pensamento das pessoas, dos compromissos (extra)ordinários. Num segundo, a insistência cessa. O trem assume a liderança e ultrapassa aquelas que nasceram pra voar. Elas continuam mesmo sem serem vistas; as pessoas no vagão prosseguem mesmo sabendo que também nem sempre são percebidas. Chega à estação, o destino. Ele precisava descer. Naquela tarde, era a sua vez de ser andorinha.

E QUE SOBRE

À meia-luz
à luz metade
sob luz.

Você soube. Eu soube.
Soube, soubemos de nossas luzes
Sobe, falou.

Subi
e que
sobre mais
que luz.

Sobre eu
Sobre você
Sobre mim.

Sobre mais
luz.

Sob mais
luz.

Sobre nós.
Sobre (só) nós.

COMBINA A AÇÃO DE NÓS

– Olha pra esse espelho, pra essa luz lateral vermelha, e me diz: o que você vê?

– Eu vejo que a gente combina.

E a luz vermelha – ou laranja – nem fazia mais sentido. Não fazia porque agora eles eram capazes de desligar tudo, todas as luzes de todos os prédios, de todos os desperdícios, para que pudessem se ver. Algum som silencioso saía de algum canto barulhento. Era madrugada nos corações e nas almas do até último bêbado da rua.

e tudo isso combinava

Era como uma comida que sempre precisou ter um acompanhamento, mas só no dia da fome apertada, do armário vazio, se pensou em combinar. Não bastava o sol, era preciso nuvens. Não bastava o ser, era preciso o existir.

E eles estavam existindo. Combinando a visão, o olfato, o paladar. Abriam sempre os poros gulosos para as luzes que se acendiam ao passo poroso dos pés.

dos dois

E mesmo quando todas as luzes se apagavam, quando nada mais parecia enxergar, ele conseguia ver o brilho branco do sorriso e das surpresas que ela era capaz de aprontar. Talvez ela nem soubesse o quanto que de surpresa ela fazia, o quanto que sua presença era uma surpresa: ele a descobria a cada combinação.

E como se nada estivesse combinado, ele fechava os olhos e pensava que ela havia o ganho antes mesmo que ele tivesse se perdido. O caminho, então, de surpresas e supressões, estava ornado de riso e da luz que saía dela ao sorrir.

E era bom quando ela sorria dele. Sorria de quase cair um pouco para o lado, nos braços dele. Ele caindo também.

Aí a luz do ambiente caiu. A luz dela ficou. E eles nem sabiam que a combinação das suas luzes deixava sobrar mais luz sobre a plateia que atentamente se via em cada combinação dois a dois dos arranjos de festa num espaço amotral. Que fôlego...!

E agora se combinam como uma voz que precisa ouvir outra voz ao telefone ou de um sorriso de apoio ao dia a dia em que se sobrevive para combinar com os céus o nunca cessar dessas luzes e das possíveis luzes que ainda vão acender.

espelho.

espectro.

refração.

fração.

tempo.

velocidade

da

luz

E eu olho para o espelho e vejo que a gente combina porque o acaso combinou comigo nunca apagar e fazer do espelho, sempre, uma surpresa.

SOBRE VOCÊ

sobre ti
sobra você
sobre mim

sobre você
sei mais que de sobra
para entender
que sobre nós
o excesso
remonta
desmonta
nós dois
sobrando
soprando
os dias

e esses dias
grandes dias
em que sobre-vivo
vivo pensando
que sobre mim
sobra paz
quando tenho você
excessiva
salvadora
protetora

e penso, então,
sobre isso

com gratidão
que sobre você eu tenho
um sorriso
uma voz
que me salva
por sobre todos os dias.

e que sobre você sobre mim

“AS LUZES QUE AINDA VAIS ACENDER”

Tu, que crês noutros sítios, me disseste alguma vez, tocando em meu rosto, que ainda nos encontraríamos, que o que vivemos, nas duas concepções verbo-temporais, era tão forte que não era dito por encerrado, aqui, neste sítio.

Tu me disseste. E eu agora já nem lembro mais se fora tocando em meu rosto. Mas é que era tudo tão bonito naquele minuto que parecia mais bela cada palavra futura.

E eu desejei não ter te conhecido

Aos dezesseis.

Mas agora, quem sabe, ainda

Mais além.

E eu desejei ter te encontrado somente quando estivesse ao máximo de cheio de vazios de mim, para que tu, alma tão singular, pudesses sorrir para estes abismos.

E eu desejei não outro sítio, mas este. Este sítio pelo menos por aquele minuto em que tocavas o meu rosto, naquela cozinha, e molhava o local de eternidade.

CONFISSÃO AO AMAR

olhando
aqui
pela janela
de vidro
o céu
vejo uma estrela
assim
tão distante
e por um instante
o que me vem
é você

vir à mente
vira vida
raro
raramente
e quando paro
com sono
ao som
desse ar
vem você

talvez a estrela
que há pouco
ali
estava
apagou-se
devido

à claridade
daqui.

antes,
porém,
era
clara
demais
para nós
para tudo
que parava
ali

agora
o opaco
vai além
de um começo
de um fim

o meu sono
de agora
é a vontade
de não
estar
é a vontade
daquele
dia
em que bebemos
bem mais
que podíamos
nos suportar

nos suportamos
por semanas
aos finais
de semana
em que o colchão
me lembrava
daquela areia
da praia
e do meu abraço
à sua
timidez

hoje
teu beijo
tão mais lindo
quando meu
existe
às vezes
persiste
e faz de mim
palhaço
chistoso
de como quando
te faço
sorrir
com meu riso
calado
colado
aos meus olhos
olhos teus
daquele dia

da lua
da rua
do dia em que procuraste
a estrela
perdida
e pedias
para eu ficar
na areia
no colchão
no teu adeus
no teu santuário:
o mar.

LUZ DESPERDIÇADA

Alto, bem alto aqui do sétimo andar, eu olhava a vida lá fora.

Na rua, carros silenciosos, espaçados, poucas luzes ainda acessas na cidade. Cheiros, tão poucos. Só frio. E silêncio.

Era noite. Era varanda. Era a almofada que rasga a cada desejo. Era o sanduíche quente que aquecia a vontade. Era o suco de laranja artificial que endossava o frio. Pós-banho, quarto de improviso.

Sim, bem do alto, a luz talvez parecesse guardada. Só havia a dos carros, dos prédios, das lojas já fechadas. Eram 02:30 e nenhum vento havia no coração. Talvez só a luz – ou o medo dela.

Perto eu via você. De mim.

Seu vestido justo, apertando as cores. Sua pressa, sua pressão.

Meu amor.

Meu sono.

Eram 11:30. O ventilador na hora inexata.

Você vestida das luzes de ontem. Aquecida do frio de ontem.

Olho pelo sétimo andar.

Você envolvida no meu sono.

Olho lá de cima.

Agora as luzes dos carros e dos prédios apagadas. Mas sol-posto.

Muita luz invadindo sonos, almoços, amores, frios.

Luz desperdiçada.

Vontade.

Luz, sem razão de existir naquele agora.

Luz sendo gasta pelo sol.

E eu só queria mais uma vez aquela noite.

Noite-luz em que só desperdicei o terceiro sanduíche.

ENTRE

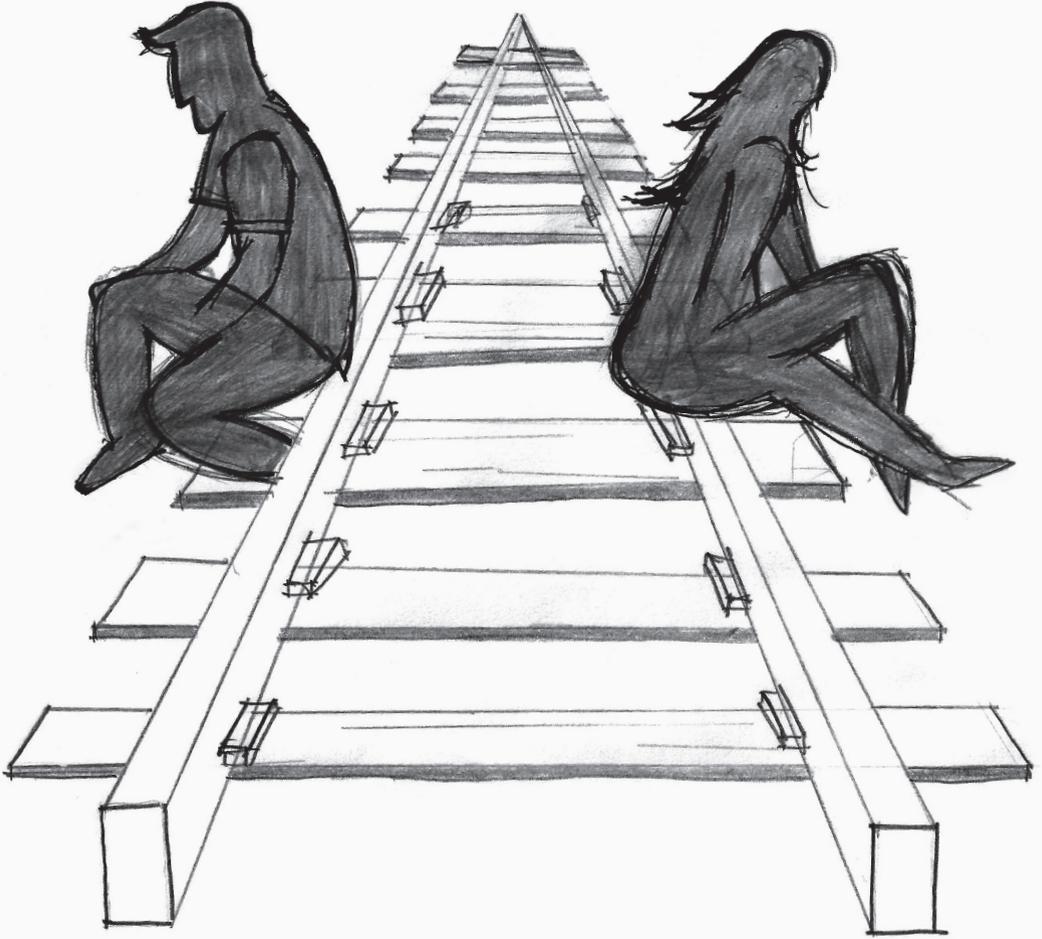
entre tantos nós
dissemos “entre, pode entrar”.

ficamos entre nós.
só nós a nós sob nós.
no nosso entrar e sair
entre nós dois.

entre,
e traga seus olhos entreabrindo-se
e mudando de cor.

entre,
que entre nós dois
o que sei de cor é que
entre mim e você
o que sempre fica é o bem
só o bem

se estamos a nós.



DESENCONTROS

AS HORAS DE FOME

Tem horas em que acordo. Sim, acordo por várias vezes na manhã e em quase todas elas espero existir uma mensagem sua. Olho e sei que nem deveria ter olhado, mas é como se a manhã despertasse e me trouxesse tudo de você levado; como quando nas manhãs eu via o seu bom-dia e, contraditoriamente ao dia, em que não se sonha, o sol se abria.

Tem horas que são as mais perigosas; as que a minha lembrança não se concretiza no teu silêncio e o meu pensar dá um pulo no futuro e retorna. No retorno, encontra um presente confuso, latente, latejante.

Tem horas em que só o toque do celular me faz feliz, mesmo eu pensando que não é você, mesmo eu falando a mim mesmo que não é você, falando no pensar alto que não é você para que, quando eu vir que, de fato, não é você, meus olhos já estarem acostumados, embora o coração tenha mudado de lugar e não me pergunte mais nada dos meus maus costumes.

Tem horas de calor, em que tomo banho, bons banhos. Antes de me vestir, vejo se há algum sinal seu capaz de refrescar ainda mais o meu dia, mesmo eu sabendo que seria, se assim fosse, só calor, sem cobertor.

me visto. displicentemente me visto.

~~ e tem horas em que eu só queria que você me tirasse a roupa.

Tem horas também em que eu queria te ver sorrindo, como quando nas noites de sol a sua boca era mais vermelha que a tarde indo, e antes que a escuridão me deixasse com essa noite mais noite que a noite. Era por isso que, nas horas com você, com os ponteiros emperrados, as noites eram de sol.

Tem horas, contudo, em que a noite me salva. Era como quando você me ligava e avançávamos em direção a um firmamento tão claro que mentia ser noite. Era cada vez mais um pedacinho de céu feito por Bandeira, Irene preta e eu, seu bom branco.

Tem horas em que eu queria atrasar, voltar e trazer, nos milésimos, os momentos em que me fizeste esquecer que horas existiam; momentos em que eu aprendia a não ter relógios ilógicos, a não ter destino, a não ter medo, a não ter nenhum mundo sequer no coração.

Tem horas, sim, em que eu só queria que fossem, seguidamente, as horas. E que você também não contasse que, comigo, elas existem, persistem, elas são vivas.

Tem horas em que eu só queria juntar todas as outras horas, as anteriores, as do acordar, levantar, tomar banho, anoitecer, calar, juntar todas, para poder trocá-las por uma só: a hora da presença. A hora do corpo toca(n)do no corpo, o vivo do sentir.

acho que isso é saudade.

e acho também que as horas são indiferentes a mim.

é que as horas me abrem o apetite para um velho-novo nunca provado.

E uma Lispector certa vez me disse que saudade é uma espécie de fome: só passa quando se come a presença.

DOS SENTIDOS DEL CALOR

caliente
no es
cálido
pues
entre
los dos
sentidos
se queda
el sudor
el producto
del calor
que cae
gota
gota
de nosotros
uno abraza quemando
otro quema sonriendo

A ÍRIS QUE PRENDE

Precisava te escrever que, desde o dia em que eu consegui me refletir na tua íris, fiquei assim:
sem imagem.

Precisava escrever que, quando eu me via pedinte diante de seus olhos, ainda conseguia olhar para você inteira e perceber que o seu desviar era de medo de também se enxergar:
justa imagem.

Precisava escrever que não escrevi naquele tempo como se eu estivesse prevendo que não se acabaria ali, não no carnaval, que não seria carnaval apenas.

e não escrevi mesmo

Contudo, querida, venho agora, com humildade, escrever, para que assim você possa sair mais rapidamente da minha imagem, da imagem que eu tenho da sua íris castanha cintilante, que, naquela festa, refletia a minha cara de não-adeus e a sua timidez em perceber que eu te via pela íris (leia-se inteira).

Nessa minha intromissão de íris, senti que muito se passava por nós. E quantos nós tivemos que desatar... E quantos risos deixamos pelo caminho, quantas mãos dadas não mostramos. E antes eu não tivesse conhecido você no mar, na areia, no colchão. Tudo, tudo hoje seria mais fácil sem essa íris que não esqueço, que mesmo não sendo deslumbrante como um azul, não esqueço; que mesmo desviada para se proteger, não compreendo.

Compreendo que é doce te amar, e amargo querer-te pra mim. Agora mais amargo que nunca, agora pelo tanto já-não-dito, pelo tanto já-ferido, pelo nada que nos tornamos no seu silêncio assustador, no meu fingimento de legalidade pelo que vivo agora. Precisava escrever.

Sei que sinto a sua falta, dentre tanto. Sinto ouvindo a música mais idiota que nas festas são tocadas, sinto no cheiro da moça que caminha na minha frente, em qualquer lugar.

É por isso que sinto: de sentir sentido, de sentir por mim. Sinto por nós que mal sentimos.

sorrimos?

E é por esse mal-sentir que me flagro, contraditoriamente, mal-sentindo. Digo em relação aos gostos que os momentos vêm dando aos prazeres que posso resgatar. Mas tudo isso sentindo sem sentir você. Foi a escolha. Sentida. Sem ti. Sem sentir.

Ademais dessa toda tontura, que é vertigem, fecho meus olhos, não vejo a íris, não te invado mais. És alforriada como querias. Como sempre me pediste.

preso agora sou eu.

E tudo por ter me feito valer que o que eu via, através da pupila, era simplesmente você, mas você me refletindo.

preso a mim.

A PENA QUE SÃO DUAS

quando eu ouvi dizer
que amas novamente
senti que
por mais que eu fique bem
não sinto por mim
o mesmo apreço de sempre.

mas também sinto a pena
do mortal
que agora escreve
com a pena
[duplamente significada]
como significava
sentir por ti
o que agora nem ao menos sinto por mim.

LI NO LIVRO DAS CONFUSÕES

– Preciso te contar uma coisa.

– Sim, você pode dizer.

O sim que ela dizia era sempre dito com a altivez disfarçável com que chamava a atenção de todos para si.

– Preciso te dizer que desde quando nós nos beijamos, naquela festa de março, você me faz sentir umas coisas estranhas.

– Mas foi apenas um beijo, era festa, havíamos bebido.

– Mas eu me lembro de seus olhos se abrindo após o beijo. O verde deles saía de uma maneira que até parecia me aprisionar. Dava uma vontade enorme de ler sobre sociedade e comportamento. Sobre qualquer livro que tratasse de confusão, de qualquer confusão que, sabia eu, começava-se ali.

– Eu não havia percebido isso.

– Como escudo, como armadura, eu fiz o de sempre: alonguei horizontalmente meus lábios após o beijo. Sorri pra o verde, pra o seu verde, mesmo não sabendo que ali não era cromografia, mas fotografia.

– Fotografia?

– Sim, lembro-me de você, depois, sempre com uma câmera em punho, registrando o que fosse.

– Você reparou tanto assim em mim por esse tempo? Eu nunca havia percebido.

– Eu imagino, imagino que sim; só que quero te contar tudo isso agora para poder enfim estar mais tranquilo com esse teu verde, com esse teu vestido, com a tua altivez e com a minha suposta timidez.

– E desde quando tudo isso?

– Não lembro. Só sei que tudo se intensificou na chuva, quando a água nos aproximou, contrariando canções e clichês.

– Rimos tanto por esses dias.

– Sim, você havia sorrido muito comigo, só que não era o seu escudo. Ou era? Era a sua maneira de dizer que entendia?

– Não. Estou confusa agora.

– Sim, eu sempre estive confuso. Mas, agora, não quero mais ler sobre isso.

– Sobre o quê?

– Sobre a confusão desses *espaces infinis*. Não quero ler o antigo silêncio que agora grita. O pior é não saber desse grito. É de inventar um grito me chamando, me pedindo pra te recitar um poema, de nos fazer carnaval, de acender o semáforo.

– Eu gosto de poemas.

– Eu sei que sim. O teu rosto é muito poema. O vejo às vezes como se fosse uma foto. Uma câmera se aproximando dele e minha voz ao fundo recitando um Bandeira. Quanto a você, sempre quis te ouvir falando algum de Hilst: parece com você, com a sua altivez, com os teus vestidos e braços e cabelos.

– Veja, você confundiu muita coisa.

– Eu sei, por isso estou te dizendo que não quero mais sentir isso. Que não quero mais ler a confusão que me fizeste sentir. Essa expectativa, o esperar, o que parece estar tão evidente na superfície. Mas sei que não.

– Você sabe?

– Eu sei que gosto de você de qualquer maneira. Por isso não gostaria de me afastar. Só não quero mais te ler, entende?

– Eu nunca mais me apaixonei. E nunca mais nada foi tão bom.

– Eu entendo o seu gosto por esse lado. A sede de liberdade. Eu também sou assim. E quando te via, na foto com o foco próximo de ti, te enxergava através da liberdade.

– Você me surpreende tanto. Eu não sei.

– Talvez pelo seu amor à palavra, palavra incondicional. E que por isso me causava tanta confusão... Você me chamava de das letras. E isso era bom; embora eu não soubesse como te chamar, às vezes. É, estou confuso. Ainda vivo de confusão.

– Vamos nos falar sempre?

– Sempre. E nos ver sempre. E discutir sempre. Gosto de sua altivez, já disse.

– Prometo aprender francês mais e melhor.

– Só me prometa fechar esse livro.

E ele mal sabia que algum dia seguinte iria encontrar outra garota, enxergar nela os *espaces infinis*, e iria ser bom. Também gostaria da palavra.

Ela não entendia o porquê, mas esperaria um torpedo dele, que fosse. Mal sabia ela que ele não tinha seu telefone, nunca pensou em perguntar.

Bastaria ler.

Mas custaria crer que ela nunca havia percebido.

Os dois seriam felizes, cada qual com sua palavra. Ainda amantes das palavras soltas e das fusões de ideias.

DIAS

amanhã é terça
torço para que nos vejamos
mas vejo que não nos veremos

depois de amanhã é quarta
quarto encontro nosso
talvez fique para a quinta

na quinta, quem sabe, você repense
no porquê desse adiar constante
desse fazer dos dias não mais instante

de perder-se na arte de não me querer te esquecer.
e no não-querer-querendo
sinto sono
e preguiça
de tentar, contigo,
os dias.

ALLE HAR EN SANG AV TRISTHET

Abre os olhos.

O quarto ainda estava num clima ameno, graças ao aquecedor de ar que ficara ligado o tempo inteiro. Era dia. Mas parecia noite lá fora, tamanho era o cinza avolumando-se.

Fecha os olhos.

Pensa e pesa o fato de estar longe de tanta gente, de tanto calor natural.

Era tarde. Demais?

Mas parecia dia quando ligava para os amigos, quando via as fotos da vida por lá passando e, ali, congelando. Literalmente.

Lembra-se que esqueceu a garrafa de cerveja no quintal, no dia anterior. Estivera com amigos ali e riram um pouco, beberam pouco, e eles se foram em seguida ao pouco.

E ela ficara só. Distante de si mesma. Noutro país. Com frio. E com o dia passando como se fosse tarde. Demais?

Ela insistia em pôr as interrogações. Sempre teve essa vontade de interrogar a si mesma. O problema é que, por nunca achar resposta, se valia do pensar duvidoso para caminhar. E caminhava.

Com frio e sorrindo.

Levanta-se, cabelos longos e pretos e brilhantes ao frio europeu.

Lisos.

Janela: o branco do dia e o cinza da tarde. Sendo demais para ela. Tarde em demasia, em verdade. De cinza.

Olha para as pessoas abaixo. Ninguém conhecido. Nenhum rosto natal. Todos vivendo acostumadamente no que escolheram.

Iguais a ela: na escolha.

Desliga o aquecedor, banheiro, pia, sandálias, porta: mais um dia além do quarto.

Corredor.Parede frente parede

Ao fundo, a sala, outra janela, outro cinza, um canteiro, um cercado de cinzas.

– Mamãe.

Ouve-se a voz loura vindo de um dos quartos também à frente.

Direção.

Sentido.

Sentindo.

Tanto.

Por tê-la perto.

E longe... Longe do coração da terra natal.

Porta, abre, vê:

A voz loura conjugada com os olhos mais azuis. Olhos lindos demais quando dispostos diante do cinza que entrava pela janela.

A criança já estava acordada e chamava pela mãe por simplesmente acordar.

E estar onde nasceu.

Ela, a mãe, acordou por estar onde escolheu.

Abraço.

– Seremos felizes, filha. Eu prometo.

E beijou a menina num gesto quente de amor, superando o aquecedor ainda ligado no quarto da garota.

O cinza de lá fora não importava. As pessoas lá que passavam nas ruas também não.

As duas, de olhos fechados, pensavam noutro continente, noutra vida. E imagens e canções vinham à mente delas.

O sol, o astro que deixava o céu azul.

Cinza dissipava-se.
Aos poucos.
Para o sol louro
E cedo demais (sem interrogação).

**em bom português,
vide o título e *vide* a vida,
“todo mundo tem um canto de tristeza”.**

O QUARTO E AS QUATRO LEMBRANÇAS

ainda escuto o som do celular no quarto escuro
só as luzes desse saíam
desse e do corpo dela
que era cintilante de branca e quente
de suor.

ainda vejo eu trocando a *playlist*
puro manejo de esperteza para fazer valer
naquele momento
o que seria eterno pura e simplesmente
pela falta de pudor

ainda lembro do corpo liso
de minha mão bailando na insegura certeza que ela tinha
ou vinha tendo
mas que mais parecia
convenientemente
só calor

ainda sinto o desejo rápido
como quão rápido era para nos despirmos
e nos amarmos sem demora
no colchão-sofá estranhamente pensado
para o só se for.

e se foi.
só.

O SOL JÁ VEM

Nesta semana eu pude perceber o sol pelos cabelos. Há tempos que sem propósito os conservo maiores e em vão tento arrumá-los. Impossível. Meus cabelos procuram o sol. Sendo um pouco mais compridos, eles estiram. E refletem. Nesta semana os vi por um vidro, na rua, enquanto andava. Apesar de os meus olhos fechados por conta do sol, o mesmo astro fazia com que de meus fios saísse o sonho d'ouro, tão bonito que nem se percebia os fios brancos, estes que me forçam a idade e as preocupações.

Penso: o desorganizado de meus cabelos conserva em mim, ainda assim, a beleza de uma aurora, de um reflexo dourado. Penso mais: sendo eu assim tão inconstante, por que só vejo a luz que vem de mim, que te toca e que a mim retorna e cala?

Sim, amor, tivemos momentos juntos. Do primeiro riso ao seu bater de portas na minha cara, muita coisa boa aconteceu. Tanto aprendi, tanto me (e te) desafiei para que, nesse dia de hoje, a saudade e o vazio fossem menos dolorosos. Mas não, não são. E tu também não sabias.

Desde o começo, dizias que eu havia te escolhido já sabendo quem tu eras, o que havia passado e o compulsório amadurecimento que tiveste. Disso eu sabia. E te quis com tanta garra, com tanta anestesia. Só agora no fim é que talvez tu saibas que também tenho dores e, como Drummond, não consigo “amontoar tudo isso num só peito de homem sem que este estale”. Vi teus olhos, inesquecíveis olhos, desde o nosso mais doce afeto ao mais hábil prazer. Sim, amor, senti muitos prazeres contigo. Me fizeste muito mais homem quando me querias e quando os teus olhos me invadiam e eu deixava que o meu sorriso com dentes lábios também te invadissem. Tantos risos, algumas lágrimas do deradeiro. Tantos abraços, mãos, peito, beijo, canção.

Hoje senti vontade de fumar os teus cigarros que tanto me aborreciam. Senti vontade de sentir o teu escape que vias nele. Eu ainda não encontrei esse escapismo. Covarde sou, Zé.

Hoje senti vontade de te ver mais uma vez naquela rede que era nossa, com teus dedos posicionados, tuas unhas pintadas por cor escura e da boca a fumaça que parecia buscar a limpeza, o alívio para o momento. Momento e só; afinal, a tua rede dava pra uma varanda que dava para o mundo através de uma tela. E esse mundo, amor, apesar de constatar momentos, não vive disso.

Quando foste derradeira e trancaste a tua porta, aquela que sempre me recebia ao primeiro toque da campainha, aquela de madeira espessa, mas de fácil rolagem da chave, quando fizeste isso, amor, o elevador se abriu para mim. Uma porta mais resistente, ferro; mas que, com o toque, abre, não precisa dar voltas. Sim, é certo o fato de que é preciso esperá-lo para embarcar. Pra isso também ainda não encontrei o escapismo. O mesmo que talvez tivesses como quando estavas a me amar.

O que bem sei é que, com a minha chave, consegui te abrir pra tanto. O coração, a confiança, o cuidado sincero, o beijo comungante. E tu? Me abriste, amor, me abriste para o Rilke que diz “amar é bom porque é difícil”. Em contrapartida, havia um semáforo tonto que não saía do amarelo. O amor, com o meu único clichê da nossa relação, não fora, nesse sentido, ausência de engarrafamento.

Agora penso em ti escrevendo as coisas mais lindas. Coisas que tanto foste resistente a me mostrar. Ao ler tuas palavras, a vontade chega a discar teu número e pedir para que venhas a minha casa, ou que vamos a tua varanda, a teu colchão de amar. “O mundo é grande e cabe nesta janela sobre o mar. O mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar”. Teus lençóis, teu cheiro, nosso beijo. Lembro disso agora já com tanto ineditismo.

A vontade é que me vem, o telefone disca, sim, disca. Mas não, né, amor? Tu não queres a minha insegurança, não mais. E eu te acho certa, se assim queres. E faltou, eu acho, então o nosso “te (nos) quero sempre em paz”.

O teu jeito de me olhar, a fala meio rouca. Foi tudo tão de repente. Confesso o meu medo que supunhas.

O sol, este que ilumina e faz com que o mundo gire em torno dele, este que reflete fios castanhos, olhos mel meus, este mesmo sol pelo qual as folhas sabem procurar. Sob o sol. Somente por causa de você, menina.

SEM SOMBRA

chamo o teu nome impregnado de lembranças nesta madrugada fria e cheia de compromissos para o sol de logo mais.

perco o fôlego.
já perdi demais.

durmo com teu nome colocado ao pé da cama neste dia quente e cheio de vazios de mim.

perco o fôlego.
já perdi o sono.

e o unísono.

ELIPSAR

O garoto se estica no chão. Tronco apoiado na borda da piscina. Por fora da piscina. Azul. Se dia fosse. Anil. Sim, agora anil, pois era noite. Chega mais perto, sem medo. Vê. O garoto só mostra para a piscina a sua cabeça de pensamentos e de muitos cabelos brancos. De tanto pensar.

A piscina responde com a ilusão. O chão, que nem parecia chão, subia aos olhos, os azulejos geometricamente pensados se articulavam e flutuavam...

A ilusão do côncavo, pensou ele, estando convexo.

Convexo a ela, concêntrica.

Ele soprava e via surgir uma mancha preta na água prata e daí vários, vários círculos se espalhando e tomando todo o tanque. Quando o sopro forte, a água respingava. Mas ele estava convexo demais para se molhar, se moldar. Ela, côncava, encharcada.

Pingos de chuva. Destruição dos círculos na água. Gira. Volta para o côncavo aberto.

Compasso.

Desculpa o descompasso.

Eis a elipse: dois focos sobrepostos.

Eis a elipse: omissão de termos subentendidos.

TUDO ERA APENAS UMA BRINCADEIRA

da carne
de carnaval.

hoje é literatura
pois metaforiza a realidade

caso contrário,
seria Ciência.

e daí eu teria que ler noutros livros
o gosto estranho dos espaços *infinis* que não preenches, ainda.

vide o verso, no livro:
isso
li no das confusões.

FAZER DE PASSAGEM

Ao despertar, teu carinho. Tua cara lavada me leva para lugar que não sei. Lisa tua pele, pela tua boca linda, leio teus olhos-mel. Meu riso abre. Abrigo nele, hoje, não mais a segurança de outrora, mas talvez o amarelismo que interrompe o fluxo e impede a ausência de engarrafamento.

Me dói sentir o carinho honesto e verdadeiro. Não pelo não gostar, não corresponder, mas pela dor sentida por ti, pelo que poderá vir, pelo ritmo que se perde e que se descompassa e faz de passagem o que é verdadeiramente fixo. Viste as minhas diferentes cores. Vestiste-te das diferentes cores. Tiraste a blusa, aquela molhada, o teu vestido. Deixaste, para mim, teu peito aberto, tua garra, tua vontade. Tiraste meu sono nas noites. Sobretudo nos dias.

O sorriso com que venho beija o teu. Nunca esquecerei do beijo que beija o riso sem derramar o pranto. Os teus olhos borrados, não sei se chorosos da noite anterior ou se negligentes da noite anterior, me observam tão atentos, mas ainda tão cheios de crença e de ternura em mim. Eles me afligem pela indiscrição em dizer que me amam. Os meus fogem, dizendo que amam, mas que, às vezes, se fecham para enxergar o que há dentro, de inóspito, de solitário.

Meu riso vê o pranto. Choro. Sem saber. Choro. E no choro, o querer bem, a vontade de não deixar de lado nada que se passou. Nem o Drummond passou:

Os homens submersos voltarão? Meu coração não sabe.

ainda não.

Levanto-me, te beijo mais uma vez. Saio. Sabendo que estás ali. De olhos sedutores abertos e de mel meus escorrendo do riso.

Levando-me, vou.

Fico. Grito.

URGÊNCIA

tua urgência
se sobressai
à minha urgência

como quando
nós dois
na noite
de festa
tínhamos que correr
ao encontro
dos compromissos sociais

hoje,
de encontro
ao que mal procuramos
a minha urgência
pela tua virtualidade, apenas
me deixa sentindo algo que não sei
que não sei
mas que é mais.

A MENINICE BRINCOU DE NOVO NOS OLHOS DELA

Essas foram as palavras que ele conseguiu lembrar quando estivera com ela no alto de uma falésia. A vista: praia. À primeira vista: praia do amor – deserto tamanho que habita corações que não se habitam.

Era fim de tarde, quando o último pássaro atrasado corre para dormir não se conhece onde. Antes do sol, o pássaro desce. O vento cinematográfico mexia nos cabelos dela, que, caindo no rosto, disfarçavam a falsa timidez com que ela se fazia aperfeiçoar. A falsa timidez que saía dela era como um domínio do tempo. Domínio até do sol que, se indo, mais laranja estava e mais laranja deixava o rosto branco e o riso largo que ela tinha. Lembrou-se dos versos de Bandeira, porque entendia que a meninice brinca nos olhos de poucos, e que aquela meninice brilhando, no alto da falésia, era tão verdade que ele não pensava no dia em que eles voltariam para a cidade em que se conheceram e onde a vida normal era quase sempre instituída. Friando corações, esse voltar era como deixar o oásis e chegar aos todos e grandes desertos de corações que ela tinha.

Ela era criança. Ria tão alto, tão despreocupada, que Bandeira algum haveria de negar que ele estava mesmo diante de uma meninice que convidava os corpos dos altos de todas as falésias ao que de mais íntimo aparecera dele. A frieza da praia abaixo, que ainda que fosse linda – e era, como a meninice dela –, saltava aos olhos dos dois risíveis e sorridentes da falésia. A praia do amor estava fria e quente. Nunca morna. Quente nos dias, não se sabe das noites. Ninguém, ninguém mesmo teve coragem de descer de uma falésia à noite, pois isso seria como descer ao chão do próprio coração sempre que a vista do conforto nos parecesse escura. Sim, era perigoso.

A qualquer hora, porém, a praia do amor era deserta. Deserta como naqueles dias em que a gente é deserta de gostos, de desejos, de risos e das

obrigações de ser feliz que os amigos (e não amigos) nos impõem. Talvez fosse esse deserto mais-que-deserto que obrigava o menino, que disputava meninices com ela-menina, a recuar sempre que havia ressaca na praia do amor. Da última vez, ele mergulhara tão fundo, tão sem medo, que, agora, depois, não mais, não senão, ele possuía uma grande (e deserta) vontade de só pisar no chão de si mesmo. Mas ainda está na falésia. E por quê? É um tolo, um porquinho-da-índia-menino.

Tudo isso era a praia do amor e tudo isso seria a vida deles ao voltar à vida que ia além-mar-amor, que ia além-praia quando se tem fome de sol e de vento e de areia. O riso dela, então, bem como a menina-dos-olhos dela, era o resultado de uma pergunta que qualquer paixão já havia perguntado ao amor e em qualquer praia: e por que não?

A pergunta causava o riso interno advindo da insegurança em se responder a vozes que, no vento, pareciam difíceis de compreender. Ele poderia simplesmente ter recuado, voltado à sua cidade, esquecido o amor da praia do amor. Mas não. Não quando se deparava com a meninice dos olhos dela que apareceria de novo e de novo e de novo. E nada mais seria novo. Ele perdia as armas e o ciclo-vento-vai-vem era posto. Ficaria, então, a ressaca do mar, do dia seguinte aos porres, do riso-menina que desmancha o outro, do olho-dela-íris-mar que procura por ele como um todo. Ficaria o mar, esse mar gigante de pessoas-oportunidades que nos faz recuar na hora de descer à praia do amor.

Gente vive. Escreve na areia. A praia apaga. Se apaga.

O vento é artesão.

O pássaro, planando, se põe para dormir.

O mar recua.

A meninice fica.

O mar recua.

O vento venta vai.

O mar avança.
Recua.Deserto.
pra
ia
ao amor.

Desçamos da falésia.

2012

ouve
o marulho, meu filho:

e que venham dois,
mil,
onze

mas que ouse
ouse-se

ouve, filho:

se.

houve, filho:
um se.

NA SUPERFÍCIE DO SOL

Vendo as estrelas, daqui, do chão, elas já quase tão completamente em cima de nós, olho diretamente pra cima.

Encanta o mistério poetizador em dizer o porquê daquela simetria. Como se tivessem sido dispostas através de uma régua.

A poesia que conjuga a geometria.
Mas que não é forma. Sequer oval,
Do mundo.

Vejo caírem ao mar,

Em diagonal, o sol e a lua. Era um encontro: cada um partia de um ponto distinto do céu e, diagonalmente, se encontravam, quase se beijavam, já no mar, até se afogarem.

O claro e o escuro não se mediam. Nem os olhos do sol se abriam. Nem a boca da lua se abria.

As estrelas lá. Ilesas na geometria conflitante dos corpos celestes.

O sol aqui, junto com a lua, num beijo de contrários. A lua aqui, querendo o sol do dia, num desejo de contrários.

Emergem, das águas,
O sol e a lua.

Sérios, não voltam para o céu em diagonal, mas verticalmente pretendem formar um horizonte jamais visto. Uma ave no céu passa por entre os dois. Larga envergadura, sabe que o surrealismo da hora cerra os olhos e encerra o medo. Dos homens. Do homem que sai do sol inocentemente deixando a geométrica vida.

Uma nuvem que passa, que é atingida pelo rei e pela rainha. Floco frouxo de sono que parece opacidade para quem não o entende.

Estrelas, lá.
Ainda.
Estelar, esteja.
Seja, talvez tê-la.

O brilho, longe se confundindo com o do sol e o da lua. Astros tão distantes um do outro, mas que se tocam, num ponto, qualquer, no infinito – além – de nós.

Longe: o brio ébrio dali. O que salva ali é o dali em diante.
O vasto mundo-ovo que protege os sonhos dos corpos celestes incommunicáveis.
Até chegar a disposição geométrica iluminada pela poesia.

Corre, homem, o sol!

OS CORPOS SE ENTENDEM

quando um corpo diz não ao outro corpo
e ao desejo latente
lá dentro
é sinal de que não adianta
ser egoísta
a tal ponto
de querer invadir o corpo outro
o corpo noutro
porque
talvez
o corpo seu
só esteja
deveras
manipulado
para não entender
quão difícil
é carregar a alma de gente.

UM (DESEN)CANTO, UM (DES)(EN)CONT(R)O, UM QUARTO

Ele entra no quarto. Numa atitude trivial, sente-se incomodado, alheio, invasor talvez. Observa um ambiente forrado de compromissos. Da mesa de escrever até o guarda-roupa percebia calendários, horas, leituras, pessoas, telefones... aquilo tudo, por este instante, o sufocava. Estava sozinho nesta noite. Parecia que ele mesmo tivera saído e deixado o outro “ele” numa espécie de emboscada inevitável. Sentia-se pesado, inexplicável. Sentia-se triste. Mas por quê? Ele moldava o presente com tanto apreço de modo que com isso pudesse sorrir para um futuro e se orgulhar de um passado. Mas agora, naquele minuto de quarto, percebia-se só com suas formas e seus tempos bem conjugados.

Decidiu assistir a um filme. Há muito tempo que não fazia isso. Há muito que não pairava no ar esperando que o tempo simplesmente corresse. Queria participar de tudo. Sempre quis isso. Sempre quis dar ao momento o que nomeava como seu. Talvez por essa necessidade que agora se via em falta com esses momentos. Tantos amigos feitos, tantos amigos reconhecidos, tantos esquecidos sem intenção. Tantos esquecidos de propósito.

Agora ele se dirige a uma gaveta – Como essa gaveta narra tantas histórias! –. Pega várias cartas; cartas antigas, de amigos antigos mas que se perderam no cotidiano sem o “querer”. Ao lê-las, sente-se mais uma vez pesado; de chumbo. Ou ingrato, talvez. Neste instante via em palavras um vazio demorado... Um vazio que por ora vinha e o obrigava a repensar. Repensar em quê? Ele mesmo não responde a essa pergunta que inconscientemente faz. Agora, então, o quarto era mais claro, mas o rapaz tinha sono e também sede. Quem sabe quisesse acelerar o próximo dia ou congelar, aliás, gravar num vídeo dias passados, para que sempre que desejasse sentisse novamente o que lhe agradava. Somente isso.

Recorre ao telefone. Sua solidão lhe enchia de culpa. Mas ele realmente tinha culpa? Justo ele que fora tão fiel aos momentos? Não era o único, pensou. Liga para uma amiga antiga, não se falavam fazia meses. Disfarça a voz para introduzir um diálogo com uma piada e a amiga o reconhece do outro lado da linha. Desvia o intento. Falam sobre coisas que amigos antigos falam e, no entanto, naquele clichê comportamental, percebe uma mudança. O que havia? Riem, confidenciam ainda, riem, emudecem com medo de que esse silêncio dure mais do que cinco segundos, riem, repetem perguntas, acalmam o tom, soltam “ai, ai” e desligam o aparelho. No desligar, o mesmo vazio. Vazio por descobrir as mesmas coisas.

Vai à cozinha, come um pouco para parar de pensar. A comida brinca. Dá voltas.

Novamente está no quarto. No quarto... E só. Talvez se cobre baixinho por algumas atitudes. Agora deseja dormir mas teme em sonhar com os compromissos inadiáveis que já estavam adiados. Os olhos pesam. E, ainda neste balanço entre o lúdico e o balde d’água que o deixava com frio, ele deixava o tempo passar. O “pra sempre” se mostrara sádico, atento. Ele, nesse instante, sentia o peso do ar. Sentia uma vontade de fazer algo diferente. Não se perguntou o que seria. Continuou, apenas. Quietamente. Fazia companhia a sua respiração. Talvez sonhasse? Via, a um canto, noites acumuladas, dias intensos, lembranças. De verdade, talvez não estivesse só. Talvez conhecesse pouco dos sentimentos do mundo, dos seus sentidos. Sentia que o quarto o aquecia; mas e o calor? Faltava o calor. Faltava algo completo. Nada de fragmentos. Então, num gesto novamente trivial, aconchega-se num lençol, fecha os olhos. Nada anunciava nada. Drummond lhe diria que nada escorria nas mãos.

E, num gesto de paz consigo, entrega-se ao amanhecer. Fecha o quarto, abre a janela.

SONHA DOR MEREcida

Estive com você em seu apartamento. Desconheço as razões que me fizeram estar lá, com você, sozinho(s). Sei que conversamos bobagens, que rimos como há tempos não fazíamos, e que tudo tinha um ar, em sua casa, de aparente equilíbrio – você inclusive estava usando óculos. Parecia que lá, a qualquer momento, eu iria abrir a boca para falar um ei o que aconteceu com a gente e por que estamos bem agora? Mas sempre me calava ao pensar que isso iria estourar a nossa tranquilidade ausente de tanto tempo.

E continuávamos bem, como nos velhos e quentes tempos. Conversamos mais um pouco, fomos à sua cozinha, bebemos algo, voltamos à sala. O sofá tinha a estampa da minha bermuda favorita, esta que você nunca havia visto. Sentamos. Tensão. Tiramos o “n” do meio.

E como eu sempre gostava da sua atitude – você não deve ter esquecido –, nos beijamos naquela estampa azul-marinho-cobalto-turquesa. O cobalto vindo dos meus pés, sapatos pintados e renovados; o turquesa do seu olho, re-nascido e renovado; o marinho como uma casa que era, agora, aquele sofá para nós. Mergulhamos no marinho.

e nos beijamos.

como numa dança.

caímos para o lado.

tirei seus óculos-novidade.

olhei seu peito.

você me olhou todo num só olhar.

e a porta abriu.

Abri meus olhos.

Estava em minha casa, não na sua, acabando de acordar numa quinta-feira-dia-ainda-não-útil.

Talvez no sonho eu já tivesse percebido de que se tratava de algo imaginado, colocado no mundo misterioso do sono. Mas estava tudo tão bom que tive medo e pena de despertar na dúvida se haveria no meu computador um *inbox* dizendo que a gente deveria se encontrar. Tive uma vontade de não ter nunca sonhado com nada que me levasse ao azul de você, que me levasse sequer a você. Acordei ao lado não de uma mulher, mas do sentido de que eu talvez nunca devesse ter conhecido uma mulher como você: que me invade, que me ocupa, me adapta, me cala, e se me vai sem orgulho.

Nesse cansaço mental, voltei a sua casa, lá em cima no prédio, e ali conversamos mais uma vez. Você me contou de um caso de uma amiga sua, de uma bobagem que o namorado dela havia feito com ela: deixado-a. Sem explicações. E eu quase abri a boca para dizer mas do que você está falando? E calei antes. Mais uma vez você me ganhava antes de me perder. Me ganhava ao me chamar para uma foto, uma re-cord-ação de nós. Me chamava para um constante voltar a passar no coração. E tudo isso me perdia e me ganhava.

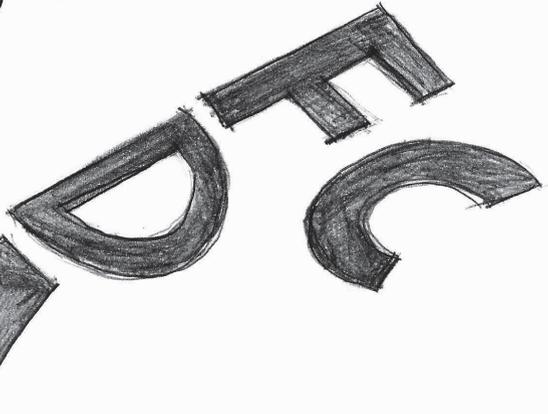
Nós no chão, eu já te beijando como um amigo que não se vê há tempo, sinto você cravando uma bandeira na lua. Perfurando o chão arenoso e empoeirado da lua, você cavou em mim todas as fases que uma lua pode ter. E imagino que ela, a lua, tenha se entristecido naquela segunda-feira-dia-útil em que você retirou sua bandeira e nem sequer me disse bandeira branca, amor...

Agonia. Abri os olhos. Havia sonhado mais uma vez. Havia cansado mais uma vez. Levantei-me e, com o meu levantar, vi em minha cama as certezas de que a minha aparente superação riam de mim. Muito pouco havia passado. Vi em minha cama, verdade como o poeta, as noites acumuladas de meus dias.

Concluí, ainda sentado, que ainda havia de percorrer um caminho lunático. Que eu, só eu, precisava pisar no chão da minha lua, povoar a minha lua, e voltar a tê-la na minha cama, cama que, você sabe, a cama é sua.

sentado,
ainda,
concluí
que tudo não
passou

~~ de um pesadelo.



PALAVRA

DESNOR(TEAR) PALAVRAS

desmontar
o que se diz
monta novos dizeres
montanhosos, ditos, desditos,
desmontados.

desmontar
o que se queria dizer,
para se dizer melhor,
remonta o dito
pelo dizível,
palavras atentas,
destronadas.

não se dizer o que se
queria ter dito
destoa,
diz toa toa
a todas as alegrias vivas,
vividias, descansadas
pela palavra.

remontar o que não se cola.
se não melhora
é sinal de que de tempos em tempos
o desmonte
diz um monte.

A COCEIRA DA CEDILHA

Estás só como aquele cão no gramado que se coça infinito. O rabo deste parece uma cedilha invertida, atenta, mas que está coçando. Ele, o cão, incomodado. Talvez nem pense em nada enquanto se coce. Quando se vira, resquícios da grama cortada se prendem aos pelos negros; os resquícios apenas, o que sobra da incômoda coceira com que ele preocupadamente incomodado coça.

Paro. Um gole de coca. Tiro da coca essa cedilha e peço ao cão sem tê-lo pra mim. E se no cão tivesse a cedilha? Seria verbo; seria o ser no plural? Peço-o, fugindo, assim com um “o”, na primeira palavra da frase, foge do outro. Peço-o para que ele me diga o que o faz se arrastar no chão senão a coceira. Só o voo permite o “o” unido ao outro. O pedir a alguém separa, causa incômodo. Coceira.

Ouçõ, com a cedilha na palavra e na coceira, a coca acabar. A cedilha some. O cão também. Já não se sabe mais sobre os resquícios de grama no pelo escuro. Pelo menos o pelo. Tê-lo. Sim, eu sei que também, pelos, os tenho. E coçam. Cedilho-o. Cedo, de ceder. Bem cedo, de manhã. Faíscas, centelhas, sem tê-las. Nem pelo; nem pelo menos mais uma vez. Pelo sim ou pelo não.

A falta é diferente da saudade porque esta é mais bonita. Se bem que se fosse, a saudade, com cedilha, com certeza, não seria a mesma. A falta é esse pelo em excesso e em mim. É o cão que o coça a fim de que suas garras – sim, há garras – agarrem a pele. Pelo menos a pele.

O que percebo é que o cão não está incomodado.

Agora mesmo deve estar noutro gramado, deitado, cedido e cedendo a esta tarde ensolarada e recebendo carinhos como quando há pouco garotas alisavam-no no pelo. Pelo menos carinho. Ele sabe disso, não é ilusão.

Sim, talvez ele não esteja incomodado. Não é incomodado. Não o cão/é. Talvez, bem talvez, o cão seja o incômodo apenas, para quem cão. Para quem vê seus pelos pelo menos mais de uma vez. Vês.

ME PRESSINTO NO PRECIPÍCIO

no pre

..... cipício

me pre

..... cipito

no precisar do agito, do apito

[doaperto]

..... no peito

pressinto

q

u

e

no precipício,

no princípio,

no pio,

cio

e

u

Me atir

o.

do precipício,

faço do princípio uma precipitação

rumo,

talvez,
ao hospício, à ação,
ou ao pressinto
do ócio,
do néscio.
do mito.

tudo leva o (im)preciso ao

pre

ci

pi

to

~~~~ no precipício].

# ATRAVESSE

a-tra-ves-san-do (em diagonal)

a  
.a  
..a  
...a

r u a

atééé quando der  
para não mais  
trope~~çar

a\_tra\_ves\_san\_do (horizontal)

a.a..a...a

r u a

porque

~

só atravessar não basta.

é preciso ver o avesso  
do avesso  
da gente  
e encontrar  
do outro lado

da rua  
a travessia completa  
e aquela  
deixada  
para trás.

e isso traz mais p~a~s~s~o~s  
mais contagem  
do tempo andado  
e da travessia  
atrevida  
da vida  
na rua  
no ar

no nu de quando a gente é criança e ainda não tem nome  
e talvez ainda nem saiba andar.

atravesso, todos os dias, lados e lados e laterais  
do que considero  
para além-dos-passos  
um passo de dança  
uma obrigatória passagem  
de mim a mim mesmo.

e aceno,  
do outro lado,  
para o que vem e para o que fica.

e é como se já mais nada ficasse.  
jamais (?)

t~r~a~v~e~s~s~i~a

# V O O (U)

o no voo...  
d  
n  
a  
o  
.vou v

o  
d  
n  
a  
o  
.vou v não vou.

.vou no voo  
.vou-não-vou

v o o u.

# MEMÓRIA

me morre  
me morria  
me morra  
memoria

masmorra  
mas morria  
mas morra  
me(s)mo ria.

mas quero  
mas queria  
mas que erro  
ma(i)s queria

mais que fui  
mais que ia  
mas chorei  
mais que ria

me mo ria

# MORTEVIDA

morte  
ou vida  
ouvida  
a vida  
vivida  
ou há vida  
quando vira  
vida  
ou *vide-a-vida*  
quando,  
.  
tu,  
ávida,  
.  
olvidas.

# FALÉSIA

falésia  
faria  
famigerada  
fome  
de força  
para entender  
que as  
falésias  
falam  
de nós  
soprando  
o relevo  
revelando  
o que faríamos  
caso falhássemos  
caso acertássemos  
a suposta certeza  
de fazer  
de ser  
falésia  
quando existe  
o vento  
para soprar  
e te falar  
– farei falésias

## **“NÃO SEI SE A VIDA É CURTA OU LONGA DEMAIS PARA NÓS”**

“Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós” – essas palavras, que são de Cora Coralina, me foram apresentadas pela primeira vez por uma linda poeta que, mal sabendo do poder que tinha, jamais suspeitou que hoje, pela manhã, eu acordaria e pensaria que, de fato, não sei se a vida é curta ou longa demais para mim. Tudo isso foi dito num época em que eu nascia para o novo, para o estado não natural das coisas, das minhas descobertas e do meu pensar por mim mesmo, do meu rumo a minha lucidez. Lucidez essa própria de quem enxerga diferente, e se pretende diferente, porque faz diferente.

Cora não sabia, mas, naquele aniversário de há pouco, eu me detive muito mais na continuação da citação acima: “mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas”. Eis então que começa o meu estado lúcido e utópico do lugar-não-eu.

Aprendi nesses anos, desde a vista do verso de Cora, que depois de um tempo é preciso também conhecer um Drummond, aquele que te fala que seu coração – sim, o que tocamos das pessoas – não é maior que o mundo. É muito menor. É esse Drummond que aponta fidelissimamente que é impossível amontoar tudo isso, sofrer tudo isso num só peito de homem sem que ele estale. Aprendi nesses anos que, mesmo perigosamente aprendendo (e aprendendo) outro mundo possível, outra vida futura-que-nós-criaremos, não é necessário conhecer Drummond. Aliás, não é necessário conhecer o Galeano que crê que o atual mundo está grávido de outro, nem uma Cora que talvez aponte a medida exata do tamanho da vida. Nem uma Lispector para mexer num fundo que não é carteira de identidade, nem um Pessoa que retrate o pensar de modo tão meta, nem um Saramago que busque o instintivo camuflado no retrato social. Sim, é possível viver uma vida inteira sem conhecer Drummond, Galeano, Lispector, Cora, Pessoa, Saramago e tantos outros cantores,

sociólogos, professores, filósofos. Contudo, também aprendi nesses anos, que essa será sempre a vida menos Drummond, Galeano, Lispector, Cora, Pessoa, Saramago e tantos outros cantores, sociólogos, professores, filósofos. Na minha alma de poeta, de princípio de poeta, eu escolhi viver com esses todos e, ao contrário do que o positivismo e a dureza de uma Ciência que pensa com exatidão, esses me deram a lucidez. Uma novamente lucidez com tanto apesar de: apesar de um mundo caduco, que finge que tudo é natural (contrariando o lúcido Brecht), que educar se restringe à escola e não a toda a sociedade (contrariando Freire). É justamente por esses contrários, por essas contrariedades, que me afirmo hoje com uma latente – e latejante – inadaptabilidade no mundo; com o desejo de me mudar, de embarcar nas viagens que não foram ainda feitas, nos pensares que ainda não foram tirados da cuca.

Eu escolhi a lucidez. Mesmo sabendo que isso me exigiria pesar da alma, deslocamento de mim mesmo, expulsão do meu ser de uma morada segura. Eu escolhi cantar um mundo futuro, ser chamado de chato, utópico, sonhador. Eu escolhi acreditar que de tantos pés no chão a gente não sai do lugar. Eu escolhi acreditar que é possível fazer diferente do que nos é imposto, do que nos é escondido, do que nos é escancarado. Eu escolhi confiar na vida futura, que é feita nesse chão, nesse plano, nessa concepção de felicidade que nos aguarda e que, bem sei, não é a que hoje nossa íris reflete.

Por isso, não sei se a vida é curta ou longa demais para mim. Não sei se o caminho a percorrer é longo demais para um mundo às avessas, ou se é curto demais para esperar a gestação de um outro que está por vir. Sei que as vozes precisam se multiplicar, que os homens, que os bens que vêm com a aurora precisam ser repartidos, que precisamos tirar o pé do chão e reformular o que entendemos por vida, por amor, por respeito e por cuidado.

Esse não é o único mundo possível. A vida é curta ou longa demais para o que fazemos com ela. Dela. De nós mesmos.

Meus poetas de sempre, eu escolhi tocar o coração das pessoas. Escolhi tocar pra frente a vida futura.

**POESIA (IN)CONTADA**

**FORMATO**

15,5 x 22 cm

**TIPOGRAFIA**

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

**Editora**  
**Universitária**  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (081) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (081) 2126.8395

[www.ufpe.br/edufpe](http://www.ufpe.br/edufpe) | [livraria@edufpe.com.br](mailto:livraria@edufpe.com.br)

ISBN 978-85-415-0175-0



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.